

EPISTEMOLOGIAS ANAIS: UM ENSAIO SOBRE A ARTE-POLÍTICA DE DAR O CU

*Eixo Temático ET 25 - Insurgências de Corpos e Saberes: Perspectivas
Pedagógicas Decoloniais e Queer (Cuir) na Construção de Poéticas Outras
da Revolta*

Bruno Pacheco ¹

RESUMO

Este trabalho tem por objetivo discutir o cu através da escrita de Paco Vidarte e Javier Sáez e Sejo Carrascosa. Sendo o cu um dispositivo de desejo, violência, terrorismo e de vida e morte, este texto pretende reverberar acerca de discussões atuais sobre a prática anal e como esta coopera para diversos prazeres e abjeções. A prática de dar o cu, em uma sociedade conservadora como a nossa, torna-se uma atividade de abjeção, a ser condenada por diversos indivíduos, inclusive até por determinados gays (ativos) que não se encontram na posição sexual de passivo. Ademais, discutiremos o cu a partir de um ato político, que borra as margens e cria fissuras no modelo hegemônico cisheteronormativo patriarcal.

Palavras-chave: Cu. Vidarte, Sáez e Carrascosa. Prazer, Abjeção, Gay.

INTRODUÇÃO

Sendo o cu² um dispositivo de desejo, violência, terrorismo e de vida e morte, este texto pretende reverberar acerca de discussões atuais sobre a prática anal e como esta coopera para diversos prazeres e abjeções. Alguns autores como Javier Saez e Sejo Carrascosa e Paco Vidarte fomentam debates teóricos em relação ao uso do cu enquanto prática sexual, apresentando discussões sobre como esse instrumento de prazer sofreu interdições ao longo da história da humanidade, sendo, principalmente, negado enquanto órgão sexual não só pela medicina e biologia, mas também pela escola, pelo estado e, em especial, pela família.

A prática de dar o cu, em uma sociedade conservadora como a nossa, torna-se uma atividade de abjeção, a ser condenado por diversos indivíduos, inclusive até por gays

¹ Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Letras: linguagens e Representações, da Universidade Estadual de Santa Cruz (UESC), pacheco.letas@gmail.com.

ativos que não se encontram na posição sexual de passivo. Nesse sentido, partindo de uma visão analítica, ou, como propõe Saez e Carrascosa, analética, aqui discutiremos as obras dos autores citados acima, alargando as pregas do conhecimento sobre a arte-política de dar o cu.

Numa cultura “falocêntrica”, o pênis é sempre visto como um instrumento de poder e soberania, sendo representado por diferentes semioses relacionadas à força, à armamento, à exaltação, além de ser significado comumente por objetos de formatos anatômicos semelhantes ao membro. Em contrapartida, o ânus é visto socialmente como lugar abjeto e desprezível. Por mais que o cu possua função sexual, principalmente na relação homoerótica, a sua referenciação é geralmente feita com intuito de ofender, rebaixar, desvalorizar outra pessoa. Assim, termos como “tomar no cu” é muito comum quando se quer ofender. Mesmo considerado abjeto, o cu ainda continua na boca do povo fortalecendo não só a prática sexual por meio dele, mas também a violência feita através dessa prática.

No Brasil, a bunda é considerada um fetiche a nível internacional. Tal afirmação pode ser notada em novelas, séries, músicas, poemas, nas praias, nos becos, nas vielas enfim, em todos os espaços sociais. Mesmo assim, o sexo anal ainda é mal visto pelos (falsos) defensores da moral e dos bons costumes. Na relação heteroerótica, quando a mulher é induzida ao sexo anal, há um silenciamento do assunto perante a sociedade. Paira sobre os sujeitos o discurso de inexistência da prática anal entre os casais heterossexuais, em função da contundente abjetificação do ânus e da ausência de reprodução por meio deste. Para essa mesma sociedade, que invisibiliza as suas práticas anais, o cu do homem cisgênero não deve possuir papel sexual, e quem usufrui desse órgão para fins prazerosos acaba indo de encontro aos padrões pré-estabelecidos pelo sistema normatizador de gênero e sexo. Assim, ao analisar a sociedade machista, falocêntrica, ativa e fodedora, que temos, é visível que tal abjeção recaia sobre os corpos gays passivos cujo cu é o seu dispositivo de prazer. Contudo, é preciso ressaltar: o gay ativo não sofre tanta rejeição quanto o passivo pois o primeiro é considerado o homem da relação, aquele que domina, que mete, que fode, porque, para o falocentrismo, que não segue tão à risca os mandamentos heteronormativos, não importa onde penetrar, o problema está em ser penetrado.

Para a cis heteronormatividade, aquele que penetra possui um tratamento superior ao que é penetrado, pois, se supõe que a pessoa ativa sexualmente utiliza-se do pênis e

não do ânus no coito. Como afirma Saéz e Carrascosa (2016, p. 29), esse ideário “[...] trata-se de um ódio ao passivo e, sobretudo ao homem penetrado. [...]”. Num contexto assim, encontram-se agressões verbais, como: “vai tomar no cu”, “arrombado”, “cu frouxo”. No entanto, não se veem sentenças ofendendo o ativo, tais como: “mededor de cu”, “come cu” etc.

Foucault (2015) descreve diversas instituições de poder que funcionam como controle dos corpos por meio de normas, a fim de criar uma sociedade biopolítica e de regulação. A escola, cuja normatividade habita em sua constituição, é uma delas. Nas aulas de Ciências/Biologia, ao falar de sexo, o cu nunca é mencionado como recurso sexual. Ao descrever o pênis, a vagina e o ânus, tem-se, no discurso escolar, que o cu é unicamente um canal de dejetos, não sendo considerado um dispositivo de prazer (isso encontra-se ligado a associação dos órgãos reprodutores com a sexualidade. Dito de outra forma, de acordo com Paul B. Preciado, em seu livro *Manifesto Contrassexual*, os órgãos lidos como sexuais (pênis e vulva) nascem com funções reprodutoras. No entanto, são tecnologizados à sexualidade. Pelo cu não possuir função reprodutora, deixa de ser considerado órgão sexual e torna-se rebaixado a uma categoria inferior aos demais). Tal controle também acontece no seio familiar, quando se propõe a falar sobre sexo. Descrevem tão somente o pênis e a vulva como zonas erógenas e jamais ousam a falar do ânus. Na Medicina não é diferente. Talvez até seja um pouco pior. Neste segmento, o problema iniciou-se, tempos atrás, na Psiquiatria quando esta descreveu quais corpos eram ou não normais. O cu, na medicina, jamais é discutido como recurso sexual e o prazer anal é silenciado nos consultórios de Proctologia. O exame de próstata, por exemplo, feito pelo canal do reto, é sempre um tabu na sociedade.

De acordo com o site de notícias *Catraca Livre*, no ano de 2020, no Estados Unidos, um paciente, de 59 anos de idade, atirou com uma arma de fogo em um médico proctologista após ejacular durante o exame. Ainda de acordo com o site “[...] Milo Johanson sacou uma arma e disparou duas vezes no peito do urologista. [...]” (CATRACA LIVRE, 2002). Pouco tempo depois, o mesmo site lançou um comentário dentro da matéria informando que tal notícia era falsa. Contudo, o que me faz permanecer em usar esse exemplo é sobre a possibilidade de realmente se tornar uma realidade essa informação mediante a nossa cultura machista. Uma das doenças que mais mata homens não somente no Brasil, mas no mundo inteiro é o câncer de próstata, porque muitos se negam a fazer, tendo o exame como um ferimento à sua masculinidade.

Não seguindo essas instituições, pretendo lançar luz sobre esse órgão, o cu, tão poderoso, capaz de dar à sociedade uma equidade sexual. Afinal quem não tem cu? Nesse sentido, pretendo desconstruir, por meio das teorias derridianas (a qual discuti anteriormente) a primazia do falocentrismo, apresentando a falência da heteronormatividade, que por séculos encontra-se em uma elevação metafísica transcendental ditando normas e funções aos corpos.

O cu pelos olhos de Sáez e Carrascosa e Vidarte

Mas, o que tem a ver o cu com as calças? Ou melhor, o que o cu tem a ver com política? Seriam essas apenas uma manifestação explicitamente homofóbica? Veremos a seguir que não. A obra de Saéz e Carrascosa apresenta vários posicionamentos sobre o cu, tais como, sua história na humanidade, impressões políticas e as subjetivações estereotipadas que o mesmo representa para a sociedade contemporânea, colocando em discussão as ambiguidades que o cu põe em jogo, pois provoca tanto a negação, o desprezo como inúmeros medos, diversas hipocrisias, bem como, fascinações, desejos inéditos e múltiplos prazeres.

Esses autores nos alertam a respeito dos marcadores sociais e culturais inscritos sobre o cu, e, nesta perspectiva, fica evidente a necessidade de sabermos “[...] se o cu penetrado, é branco ou preto, se é de homem ou mulher, se de um/uma trans, se passivo ou ativo, se no ato é rico ou pobre, se é penetrado por um dildo, um pênis ou um punho, se católico ou muçulmano [...]” (SÁEZ & CARRASCOZA, 2011, p. 22). Por fim, se o sentimento é de orgulho ou vergonha, em se tratando de estratégias de vigilância e controle onde, em um primeiro momento, age externamente ao corpo e em seguida torna-se regulador interno daqueles que se identificam com as práticas anais. Portanto, o cu é um dispositivo de produção bastante ativo na tecitura das vidas e dos modos de viver daqueles que dele se apropriam como instrumento de prazer.

Apesar de iniciar este ensaio apresentando o cu como dispositivo de prazer, por meio do das escrituras de Javier Sáez e Sejo Carrascosa, a sua obra, entretanto,

[...] não é um livro que procura nenhuma verdade sobre o prazer anal, nem é um manual de autoajuda anal, nem uma aproximação antropológica ou científica sobre sexo anal que ofereça um saber para o consumo de olhares curiosos sobre o “outro”. (SÁEZ; CARRASCOZA, 2016, p. 21)

A temática nele apresentada não se trata de uma análise autobiográfica, nem tampouco objetiva uma suposta “liberação” sexual pelo sexo anal, ou mesmo a exaltação



VIII Seminário Corpo, Gênero e Sexualidade

IV Seminário Internacional
Corpo, Gênero e Sexualidade

IV Luso-Brasileiro Educação
em Sexualidade, Gênero,
Saúde e Sustentabilidade

dessa prática. Trata-se da percepção de que embora pareça o cu muito democrático (afinal todos tem um,) o que se vê efetivamente é o fato de que nem todos podem fazer dele e/ou com ele o que bem entendam. “Queremos explorar um órgão ou um lugar que desafia a definição atual do que é o sexo genital” (SÁEZ & CARRASCOZA, 2011, p. 22). Ou seja, ver a sexualidade por um outro olhar, quiçá um novo prisma.

Por mais que o sexo anal encontra-se, há séculos, presente no mundo, praticar essa modalidade, entre pessoas gênero, torna-se um crime, chegando a ter sentença de morte, conforme nos afirmam Sáez e Carrascosa. De acordo com os autores:

[...] em mais de oito países do mundo o sexo anal pode acarretar a morte e em mais de oitenta a prisão perpétua. Ou seja, estamos diante de um dispositivo que decide sobre a vida e a morte das pessoas, diante de um pânico à passividade e a tudo que ela foi vinculada historicamente. [...]” (SÁEZ & CARRASCOZA, 2011, p. 16).

Assim, fica evidente o quanto a sociedade permanece estagnada com ideologias que podem levar à morte um sujeito gay praticante do sexo anal. Para mostrar tamanha abjeção ao cu, os autores apresentam, em sua obra, um periódico do *EL MUNDO*, que descreve tamanha barbaridade acerca do terrorismo provocado pelo sexo anal entre homens: Vejamos:

Um proeminente ativista iraquiano dos direitos humanos disse que a milícia iraquiana utilizou uma forma de tortura contra homossexuais selando seu ânus, pregando-o com “cola iraniana”... Yani Mohammad, ativista dos direitos humanos, contou a Alarabiya.net que as “milícias iraquianas empregaram um modelo de tortura sem precedentes contra os homossexuais, usando uma cola muito forte para fechar seu ânus”. De acordo com suas declarações, a nova substância, fabricada no Iran, é uma cola que, se aplicada na pele, gruda-a e somente pode ser descolada com cirurgia. Depois de prender o ânus dos homossexuais, lhes dão uma bebida que produz diarreia. Posto que o ânus está selado, a diarreia lhes causa a morte. Distribuem-se vídeos dessa forma de tortura por alguns celulares iraquianos”. (SÁEZ & CARRASCOZA, 2011, p. 16 apud *EL MUNDO*, 2009)

O fato descrito pelo ativista nos faz refletir sobre como o falocentrismo ainda continua em seus status transcendental de primazia metafísica, rebaixando o seu inimigo a uma posição de tortura e morte. Portanto, é necessário haver uma desconstrução metafísica, conforme propõe Derrida, em seu livro *Gramatologia*, retirando a primazia hierarquizante do falocentrismo que empurra do penhasco a sexo anal.

Já para Vidarte (2019), falar sobre o cu, seria, efetivamente, tratá-lo sob uma perspectiva gay e todas as implicações que essa abordagem possa apresentar, propondo uma ética bixa, acessando a subjetividade através da iniciativa e capacidade política, coisa que nunca lhes são dadas, nem presenteadas a partir do poder, de quem está acima, pois,

de fato, “[...] tudo que é dado já está desativado politicamente, já é portador do vírus da submissão, da liberdade concedida. [...]” (VIDARTE, 2019, p. 34). Dessa forma, ser livre não seria o mesmo que ser libertado, porque o que o poder compreende como sendo o cu de uma bixa não é o que ela própria entende sobre essa parte de seu corpo. São formas amplamente distintas acerca de um modo de visão sobre um mesmo órgão do corpo humano. Para o poder somos todos “pau no cu”, cus sem mim, sem possibilidade, necessidade ou atitude para ter qualquer iniciativa política

Esse poderio não compreende efetivamente as questões referentes a da população que possui o cu como dispositivo de prazer. O sistema resume os praticantes do sexo anal a pessoas banais e “pau no cu”, conforme aponta o autor. Em ambos os posicionamentos, percebemos quão são negativas as visões em sua grande maioria acerca do cu. Geralmente visto de maneira animalesca, brutal, carnal e abjeta, como algo escuso e pejorativo, por vezes indecentes. Falar de cu é sempre falar de algo repugnante para a sociedade conservadora, por vezes, associado a práticas sodomitas para remeter ao pecado bíblico de Sodoma e Gomorra. O cu causa tanto incômodo na sociedade que é notável a necessidade de escondê-lo, ocultando a sua existência.

O fato é que o prazer no cu ainda é vivenciado como algo pejorativo e fortemente rotulado, visto como uma força contrária aos padrões culturais que a sociedade deseja estabelecer sobre os corpos, quando somos, o tempo todo, conduzidos a crer que o nosso “[...] comportamento deverá se submeter à forma universal da lei e em que a decifração do desejo será uma condição indispensável para aceder a uma existência purificada” (FOUCAULT, 1985, p.72).

Paco Vidarte convoca os indivíduos mais precários (digamos assim) a se posicionarem, de modo revolucionário, contra a violência do sistema patriarcal, racista, homofóbico e misógino que nos oprime, tratando de uma ética que obedeça “aos interesses de uma minoria oprimida. Uma ética de emancipação, de luta contra uma situação de marginalização e de privilégios alheios. Ressalvando: “Não se trata de criar um levante gay, trata-se de criar um mal-estar, de tornar inaceitáveis certas pessoas, hipocrisias, condutas falsas” (VIDARTE, 2019, p. 16)

Seria uma forma de oposição à política anal da política falocrata, pois, compreende-se o quanto essa categoria é muito menos assistida, nunca defendida pelo poder, cuja a ética democrática, a qual nascem os direitos, essa ética democrática progressista, não abarque tais categorias na sociedade. Dessa forma, para o autor, o sujeito

bixa, trans, sapa, não pode se furtar a se posicionar quanto a sua forma de identificação, não admitindo concessões. “Somos bixas com práticas de advogado, de médico, de sem-teto, de vida precária, esta inversão é importante, [...] *somos bixas antes de qualquer coisa.*” (VIDARTE, 2019, p. 68, grifos do autor)

“Se, além disso, considerarmos que a maioria heterossexista, homofóbica, patriarcal, familiarista nos é hostil, tenho mais motivos para crer que é urgente e necessária uma ética particular, uma ética bixa, uma ética LGBTQ, uma ética que pode ser, às vezes, uma estratégia de felicidade, outras, de luta, de resistência, orgástica, de reivindicação, de curtição, de tomar umas cachaças, de dissimulação, de ameaças, de folia, de uso dos nossos corpos, etc [...]” (VIDARTE, 2019, p. 27-28)”

Para Vidarte, uma ética bixa serviria, entre outras, para dar um sacode nos grupos majoritários, “[...] nas bixas que não enxergam além do próprio umbigo, de seu conversível e de seu escritório no partido [...]” (VIDARTE, 2019, p. 28), de si mesmas. Afinal.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por fim, essas incoerências que se instauram ao redor do cu é que formam parte do *corpus* deste ensaio, bem como uma análise das diversas subversões dos dispositivos heterocentrados. Para lidar com todos esses tabus e hipocrisias, é que os autores aconselham logo no início: “[...] abra o seu cu e abrirá sua mente” (SÁEZ & CARRASCOSA, 2016, p. 23).

REFERÊNCIAS

DERRIDA, Jacques. **Gramatologia**. São Paulo: Perspectiva. 1973

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. 2 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2015

LIVRE, Catraca. **Homem atira em médico após ejacular durante exame de próstata**. Disponível em: <https://www.metropoles.com/mundo/homofobico-ejacula-durante-exame-de-prostata-e-atira-no-medico>. Acesso em 22 abr.

PRECIADO, B. **Manifesto contrassexual**. Práticas subversivas de identidade sexual, tradução de Maria Paula Gurgel Ribeiro. São Paulo: n-1 edições, 2014.

SAÉZ, Javier; CARRASCOSA, Sejo. **Pelo cu: políticas anais**. Tradução: Rafael Leopoldo. Belo Horizonte, MG: Letramento, 2016.

VIDARTE, Paco. **Ética bixa: proclamações libertárias para uma militância LGBTQ**. São Paulo: Impresso, 1.ed. 2019.